

COMIDAS E(M) DIALOGIAS INTERCULTURAIS: A VERBIVOCOVISUALIDADE DA PORNOGRAFIA DE COMIDAS NOS *K-DRAMAS*¹

*Matheus Freire Santana Silva **

*Fernanda de Castro Modl ***

*Francisco Rogiellyson da Silva Andrade ****

*Célia Farias Aguiar Rocha *****

*Woshiton Carvalho Almeida ******

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar cenas de comidas presentes em dramas coreanos, atualizando, para isso, a definição de pornografia de comida (*food porn*). Ao longo do trabalho, valemo-nos de conceitos da Análise Dialógica do Discurso (Bakhtin, 2002; 2011; 2016; Volóchinov, 2013; 2018) e um olhar encampado na Linguística Aplicada (Brumfit, 1997) e na pesquisa qualitativa (Flick, 2004) para examinar a natureza verbivocovisual (Paula e Luciano, 2020) e intercultural dos *K-dramas* e a sua relação com o hábito de fetichização gastronômica. Nesse interim, examinamos 11 frames garimpados em séries coreanas disponíveis em 3 *fansubs* de domínio público a partir da etnografia digital (Polivanov, 2013). Como resultados, observamos que esse gênero discursivo conecta personagens e reforça tradições coreanas por meio da culinária oriental, enunciando práticas linguageiras cada vez mais plurais, criativas e culturalmente sensíveis.

PALAVRAS-CHAVE: *K-drama*. Linguística Aplicada. Pornografia de comida. Cultura(s). Dialogismo.

FOOD AND INTERCULTURAL DIALOGUES: THE VERBIVOCOVISUALITY OF FOOD PORN IN K-DRAMAS

ABSTRACT: This article aims to analyze food scenes featured in Korean dramas, updating the concept of food porn. Drawing on principles from Dialogic Discourse Analysis (Bakhtin, 2002; 2011; 2016; Volochinov, 2013; 2018), Applied Linguistics (Brumfit, 1997), and qualitative research (Flick, 2004), we examine the verbivocovisual (Paula and Luciano, 2020) and intercultural nature of K-dramas, along with their relationship with the habit of gastronomic fetishization. To this end, we analyzed 11 frames extracted from Korean series available on three public-domain fansubs through digital ethnography (Polivanov, 2013). Our findings suggest that this discursive genre connects characters and reinforces Korean traditions through Eastern cuisine, articulating even more plural, creative, and culturally sensitive language practices.

KEYWORDS: K-drama. Applied Linguistics. Food porn. Culture(s). Dialogism.

¹ O presente texto é um recorte dos dados advindos da dissertação intitulada *Aprendizagens e deslocamentos interculturais e(m) dialogias com dramas coreanos: uma análise axiológica* (PPGCEL-UESB) de Silva (2025), defendida em agosto de 2025.

* Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: teus.freire@yahoo.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0826-7538>.

** Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas). E-mail: fernanda.modl@uesb.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6572-4084>.

*** Doutor em Linguística, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: rogiellyson@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2585-1878>.

**** Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: celiaemari@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5796-689X>.

***** Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: woshialmeida@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1513-1770>.

Mise en place: aspectos introdutórios

Neste texto, assumimos pressupostos da Análise Dialógica do Discurso (ADD) para analisar como a comida, tomada como especificidade social e cultural (Amon, 2014), é narrativamente apresentada em 7 séries coreanas (*K-dramas*). Como dados, trazemos 9 *frames* de cenas que enquadram pratos dessa cultura asiática a fim de visibilizar, a partir de contrapontos interculturais, como cosmovisões singulares se deixam materializar nas práticas de alimentação semiotizadas no *corpus* de análise.

Nossa aposta é de que analisar discursivamente como especificidades de outras culturas, aqui, refeições da Coreia do Sul encenadas em material audiovisual, oferecem-nos uma rica oportunidade para tensionamentos mais sociológicos sobre o fenômeno da alimentação humana. Isso, por sua vez, coopera para exercícios caros às Ciências Humanas que se voltam para pensar a alteridade (Levi-Strauss, 1966) e como nos identificamos ou não culturalmente como grupo social.

Justificamos, assim, que a força da análise de pratos da cultura asiática nada tem de acessório, pois aí reside justamente uma oportunidade para realizar aproximações e deslocamentos interculturais entre ocidente (Brasil) e oriente (Coreia do Sul) e, em maior medida, contribuir para ilustrar a simbologia da comida para as dialogias humanas cotidianas.

A relação entre comida, natureza e sociedade é pauta de correntes de estudo diversas, tendo sido objeto de estudo para muitos sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais que se voltam, por exemplo, para pensar a cultura material associada à alimentação. Amon (2014), em extenso levantamento da psicologia social da comida, problematiza a centralidade dos conceitos práticas de alimentação/*foodways* e voz da comida/*food voice* para as problematizações mais contemporâneas sobre comida como narrativa social. Aqui, no entanto, localizamo-nos como linguistas aplicados para tensionar, a partir de um olhar enunciativo-discursivo, o que contornos semióticos interculturais das refeições-*corpus* de análise podem nos ensinar sobre verbivocovisualidade materializada em comida, hábitos alimentares e identidade nacional.

Para levar isso a termo, utilizamos conceitos gestados na Análise Dialógica do Discurso (ADD), como axiologia, dialogia e cronotopo para analisar relações entre cultura(s), identidade(s), língua(gem), televisão e comida. Encaramos, ainda, os *K-dramas* como gêneros discursivos verbivocovisuais (Paula e Luciano, 2020) que apresentam singularidades enunciativas e uma configuração arquitetônica multissemiótica. Na linguagem audiovisual dos *K-dramas*, em trabalho anterior (Silva, 2025), chegamos a um achado secundário interessante: boa parte dos diálogos das cenas de episódios das séries coreanas estudadas se passam durante o compartilhamento de uma refeição, trazendo, em geral, um bom enquadramento das comidas em consumo, permitindo-nos, inclusive, atualizar o conceito de pornografia de comida (*food porn*).

A centralidade do binômio Comida e Cultura, observada no *corpus*, advém de um efeito de sentido de estranhamento bastante característico de análises de natureza etnográfica. Ou seja, a percepção

irrompe de um contraponto advindo de nosso conhecimento de que as refeições não recebem, na construção narrativa de séries brasileiras, a mesma valoração em termos de enquadre visual e mediatização dos pratos gastronômicos com as personagens nas cenas.

Dessarte, é muito cara para nós a relação entre comida, formação e cultura, assim como a importância da comida para práticas que visem reflexões sobre o bem-estar e relações de socialização, conforme o Dossiê focaliza. Para chegar à demonstração de nossos achados, organizamos o trabalho em mais oito seções. A seguir, na seção 2, tratamos sobre os conceitos da ADD que atualizamos neste diálogo e, nas seções 3 e 4, abordamos os conceitos de verbivocovisualidade e pornografia de comida, tratando, na seção 5, sobre a relação entre comida e as séries sul-coreanas. Em seguida, na seção 6, minudenciamos os caminhos metodológicos para, na seção 7, tecer a análise das cenas selecionadas. Por fim, na seção 8, trazemos as considerações finais, assinalando o valor da comida para fortalecer a relação entre ciência, arte e vida.

Ingredientes da dialogia: cultura, língua(gem), identidade e axiologia

Como base teórica deste artigo, valemo-nos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), uma vez que tal abordagem científica compreende, à luz dos estudos de Bakhtin e do Círculo, que os discursos são resultado direto das interações que (co)construímos cotidianamente nos diferentes estratos da vida. Nesse caminho, entendemos que “o dialogismo é o princípio fundamental da linguagem” (Andrade; Ribeiro; Modl, 2023, p. 4), pois tudo o que enunciamos traz em si fragmentos oriundos das dialogias que tecemos com outros sujeitos e que são essenciais para a construção da nossa identidade.

Sob esse prisma, entendemos, a partir dos estudos bakhtinianos, que as relações dialógicas são um processo de negociação de sentidos entre eu e outro(s) sujeitos em uma arena discursiva (Bakhtin, 2016), na qual os sentidos se refletem e se refratam em um determinado tempo-espço simbólico. Nesse instante único em que a dialogia é encampada, cada sujeito matiza, responsiva e responsabilmente, os objetos de discurso acerca dos quais enuncia, tonalizando a palavra “com nossas impressões, crenças, valores” (Modl *et al.*, 2023, p. 107). Esse processo de valoração dos enunciados, chamado na teoria bakhtiniana de axiologia, é essencial para a construção da identidade pessoal e para a nossa constituição como sujeitos de língua(gem), de modo que “sem uma ênfase valorativa, não há palavra” (Volóchinov, 2018, p. 233).

Nesse contexto, partindo de um olhar dialógico e, por extensão, axiológico, entendemos cultura(s) como uma grande teia semiótica (Geertz, 1978) que aglutina vivências colecionadas de diversas trocas discursivas que, ao serem valoradas de maneira única e personalizada por cada sujeito de discurso, são fundamentais para a construção de nossa(s) identidade(s). Dessa forma, tratamos aqui de culturas, no plural, já que esse conceito se materializa em uma diversidade de trocas discursivas que evocam “produtos coletivos da vida humana” (Santos, 1983, p. 44).

Assim, metaforicamente, entendemos cultura como um grande tecido de retalhos no qual nossas relações sociais ganham vida e, uma vez que cada pedaço é costurado pela língua(gem), concluímos que “não existe absolutamente nada na cultura além da palavra” (Bakhtin, 2002, p. 45). Por extensão, Hall (2016) ratifica que cultura e linguagem se retroalimentam e favorecem a (re)mobilização dos mais variados discursos, (re)(trans)(de)formando nossa(s) identidade(s) enquanto sujeitos de linguagem.

Para que esse entrelaçamento entre língua(gem), cultura, axiologia e identidade seja possível, é fulcral a sua instanciação em gêneros discursivos, uma vez que eles são “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (Bakhtin, 2016, p. 20). Nesse meio, visualizamos os gêneros do discurso como veículos enunciativos no trânsito discursivo cotidiano. Tendo em vista a diversificação das relações humanas na contemporaneidade, é inevitável o surgimento de gêneros discursivos cada vez mais modernos, como as séries audiovisuais a que os *K-dramas* – objeto de nossa análise – integram, os quais são compostos por recursos multissemióticos e com múltiplas camadas signícas. É nesse bojo que trazemos, na subseção seguinte, o conceito de verbivocovisualidade.

Verbivocovisualidade e a multissemiose dos enunciados

De acordo com os estudos de Mikhail Bakhtin (2016), sabe-se que os gêneros do discurso são estruturas complexas atreladas à vida social, uma vez que os indivíduos utilizam essas ferramentas para se comunicar e interagir nas diversas situações sociais. Tendo em vista que somos seres plurais e cujas identidades se (de)marcam nas e pelas interações, novas esferas da sociedade surgem a todo momento, favorecendo o surgimento de novos gêneros e suportes textuais. Nesse contexto, o advento das mídias digitais possibilitou o aparecimento de gêneros e o rearranjo de outros já existentes do ponto de vista semiótico.

Nesse cronotopo, enunciados cada vez mais sincréticos e multiformes têm sido vozeados a partir dos chamados gêneros discursivos digitais e, apesar de os estudos dialógicos de Bakhtin e do Círculo terem sido cronotopicamente ambientados no contexto das mídias impressas, autores como Rojo (2013) e Paula e Luciano (2020) têm demonstrado que a teoria dialógica abrange também o contexto dos multiletramentos. Consoante Rojo (2013), os enunciados multissemióticos trazem consigo “um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam” (Rojo, 2013, p. 21). Assim, entendendo a interação social como a base da linguagem, os novos gêneros discursivos podem ser estudados a partir de um olhar dialógico.

Paula e Luciano (2020) afirmam, a partir dos estudos de Bakhtin e do Círculo, que qualquer enunciado é marcado por uma pluridimensionalidade, uma vez que comporta três aspectos: visual, verbal e vocal/sonoro. O termo verbivocovisualidade foi cunhado por James Joyce e outros poetas concretistas para tratar da poesia concreta durante o Modernismo. Esses poemas exploram a relação entre som,

imagem e palavra ao utilizar elementos gráficos e espaciais em uma proposta experimental que visa a romper com as formas tradicionais de se reconhecer e interpretar poesia.

Valendo-se da dinamicidade da palavra concebida pelos concretistas, Paula e Luciano (2020, p. 28) fazem uso do termo como uma metáfora para “refletir acerca da linguagem em sua tridimensionalidade como um desdobramento da proposta do Círculo, ainda que o termo seja extemporâneo e não utilizado pelos estudiosos russos”. Nesse curso, Paula e Luciano (2020) se valem das pistas deixadas pelos estudos de Bakhtin e seu Círculo para afirmar que todo enunciado é verbivocovisual, já que a convergência das dimensões sonora, verbal e visual gestam as possibilidades de valoração e semiótica da realidade.

Vendo por esse prisma, todo enunciado é, para os autores, tridimensional, mas alguns manifestam menos uma dimensão do que outros. Logo, um gênero considerado verbovisual, como uma matéria de jornal, traz em si também uma dimensão sonora, mas ela é menos evidente do que em um gênero sincrético, como, por exemplo, o videogame. Partindo desse entendimento, tomamos o *K-drama* como um gênero discursivo (Silva, 2025), cujos elementos composicionais, estilísticos e temáticos arquitetam-se de maneira tal a produzir sentidos considerando diversas dimensões semióticas de apelo à experiência humana. Dessa forma, constatamos que os dramas-*corpus* de análise usam “uma linguagem televisiva única para construir em nós uma ideia de Coreia do Sul que cada vez mais admiramos e exploramos à moda brasileira” (Silva, 2025, p. 61).

Em razão dessa compreensão, ao olharmos para as dialogias estabelecidas em *K-dramas*, temos compreendido que os recortes para as refeições têm evidenciado contornos semióticos intraculturais que nos oferecem exercícios contrastivos interculturais para a percepção e mobilização de como a verbivocovisualidade, nos frames de análise, apela para o que tem sido chamado de pornografia de comida, conceito acerca do qual discutimos a seguir.

O conceito de pornografia de comida

O conceito de pornografia de comida se popularizou nas redes sociais, sobretudo no *Instagram*, referindo-se a *posts* com fotos de comida cuja arquitetônica semiótica tem como objetivo incitar a fome e o desejo das pessoas. Essas fotos costumam explorar as texturas, as cores e as formas dos alimentos para gerar engajamento, como uma pizza com queijo derretido e borda crocante ou um macarrão com molho bem vermelho. Em outros casos, o som da mastigação da crocância apela para a experiência auditiva do espectador com a refeição. Essa associação com a pornografia não possui, porém, conotação sexual, mas é feita em função da apresentação mais apelativa dos alimentos e pela natureza provocativa dos *clips* feitos nas redes, trazendo à baila cenários bonitos, filtros e montagens que despertam o desejo de viver a experiência gustativa propiciada pela imaginação do público-alvo consumidor. Apesar do que se pode a princípio hipotetizar, o termo *foodporn* não alude apenas às comidas *fast food* e gordurosas que

são divulgadas, pois até mesmo saladas são glamourizadas nas redes com a *hashtag* #foodporn (Junqueira, 2019).

De acordo com um estudo feito pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) em 2022², existem neurônios específicos que são ativados quando vemos imagens de comidas, pois “comida é central para as interações sociais humanas e práticas culturais” (Trafton, 2022, tradução nossa³). Ao analisar como o cérebro humano responde a 10.000 imagens de comidas diversas, os pesquisadores notaram que uma região cerebral específica reage ao que é comestível e que, inclusive, as pessoas reagem de formas distintas a depender do alimento mostrado e da cultura do sujeito participante. Isso comprova que a comida mostrada na mídia gera influência nos espectadores, despertando desejo e curiosidade.

Consoante Junqueira (2019), o *food porn* se define como “uma exposição midiática excessiva e até mesmo obsessiva de fotografias e vídeos de alimentos e de pratos de comida prontos, atraentes e sedutores, em redes sociais” (Junqueira, 2019, p. 173). De acordo com o estudioso, o termo surgiu na segunda metade da década de 1970 e foi criado pelo jornalista Alexander Cockburn em uma resenha do livro *French Cockery*. Em seu texto, Cockburn (1977) afirma que a gastronomia pornográfica pode ser definida como uma apresentação glamurosa e estilizada de comidas cujo fito é provocar, ao mesmo tempo, sentimentos de excitação e frustração que se aproximam das sensações provocadas pela pornografia sexual. Desse modo, o objetivo principal desse tipo de publicização de alimentos é tensionar nas pessoas o desejo de experimentar o produto divulgado. Além disso, pode-se dizer que as escolhas dos pratos fotografados revelam certa identificação do sujeito com determinadas práticas alimentares, trazendo à tona estilos culturais gastronômicos diversos.

Em maior medida, a pornografia de comida pode provocar uma sensação de saciedade através das imagens, gerando uma “visualização esteticamente erotizada” (Junqueira, 2019, p. 174) dos pratos e tornando o ato de comer algo também virtual. Nesse âmbito, Junqueira (2019) chama a atenção para o que se pode chamar de entretenimento culinário (*eater-tainment*), o qual propõe uma nova configuração para o campo da biopolítica alimentar na contemporaneidade e promove o surgimento de novos profissionais, como *designers*, fotógrafos, estilistas, arquitetos e historiadores de comida. Nesse sentido, uma vez que discutimos sobre a origem desse conceito, torna-se pertinente compreender como séries de TV sul-coreanas também se valem dessa pornografia gastronômica para divulgar internacionalmente pratos da cultura oriental, conforme discute Silva (2025).

² Disponível em: <https://news.mit.edu/2022/food-neurons-visual-cortex-0825>. Acesso em: 25 de janeiro de 2025.

³ “Food is central to human social interactions and cultural practices” (Trafton, 2022).

Pornografia de comida e(m) K-dramas

Ao longo do tempo, muitos programas de televisão também passaram a enquadrar pratos de comida, dando a eles um destaque maior a fim de gerar atração, como comerciais, programas de culinária e até filmes e séries. Na Coreia do Sul, são famosos os *meokbangs* (먹방)⁴, vídeos gravados em tempo real nos quais os participantes assistem ao(à) apresentador(a) comendo grandes quantidades de comida e interação com ele(a) via *chat*, dando origem ao que se conhece como *eating broadcasting*. A ideia é transmitir as *lives* nos horários das refeições para que todos possam comer juntos, diminuindo assim a solidão de quem faz refeições sozinho(a). Todavia, a quantidade de comida nas transmissões é exagerada e pode até gerar complicações para os apresentadores pelo consumo rápido e em excesso de calorias.

De acordo com a terapeuta Jeanie Chang em um *post* na sua conta da rede social *Instagram* (Chang, 2025⁵), o hábito de dividir uma refeição ou cozinhar para alguém na Coreia do Sul é uma linguagem do amor na cultura coreana desde cedo, expressando cuidado e carinho sem utilizar palavras. Para a estudiosa, os coreanos entendem que compartilhar uma refeição pode diminuir os níveis de estresse e ser um alívio para uma rotina estressante, compreendendo a comida não como algo pessoal, mas sim coletivo. Dessa maneira, a comida ganha propriedades curativas, sendo capaz de confortar traumas, manter as pessoas conectadas com o presente e fortalecer os laços sociais.

Essa concepção de comida curativa (*healing food*) presente na cultura coreana se mostra de modo marcante nas séries de TV do país, conhecidos popularmente no Brasil como doramas⁶ ou, mais especificamente, *K-dramas* (*Korean dramas*). Para entender como isso acontece, é essencial explicar brevemente sobre a importância desses seriados. As novelas em questão se popularizaram ao mesclarem elementos culturais orientais e universais (Campos, Teodoro e Gobbi, 2015), atraindo fãs do mundo inteiro. Os dramas começaram a ser produzidos na Coreia do Sul na década de 1990, a partir de uma estratégia de investimento na indústria cultural iniciada pelo presidente Kim Dae-jung (Fonseca, 2018).

A partir disso, a cultura coreana foi sendo divulgada por toda a Ásia a partir desses artefatos culturais multissemióticos, em um movimento que ficou conhecido como Onda Coreana ou *Hallyu*, despertando curiosidade pelas narrativas, atores, trilhas sonoras e cenários, criando, no processo, uma imagem positiva da cultura sul-coreana no mundo. As séries se tornaram populares no ocidente,

⁴ Conforme o(a) leitor(a) irá notar ao longo do texto, toda vez que adicionamos ideogramas em coreano, um espaço maior é deixado entre as linhas do parágrafo. Isso acontece porque os ideogramas asiáticos (como os do alfabeto *hangeul*) ocupam mais altura visual do que os caracteres latinos, afetando, assim, o espaçamento entre as linhas em programas como o Word.

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DPAPd0oDrwn/?igsh=MWYzMXVqYTNxczI3aA==>. Acesso em: 30 de setembro de 2025.

⁶ Alguns estudiosos do tema declararam que são contra o uso do termo japonês *dorama* para se referir às produções chinesas e sul-coreanas, sobretudo após a entrada da palavra na Academia Brasileira de Letras. Contudo, utilizaremos aqui o termo *dorama*, juntamente com o termo em inglês *K-drama*, para tratar das séries de TV da Coreia do Sul, pois acreditamos que, em português brasileiro, *dorama* define o gênero multissemiótico série de TV asiática que chega até nós via *streaming* ou via *fansubs*, possuindo ramificações de acordo com a procedência da novela (*J-drama*, *K-drama*, *C-drama*, *Lakorn*, entre outras).

sobretudo no Brasil, por meio da prática de legendagem de fãs em canais conhecidos como *fansubs*. Paulatinamente, as produções ganharam mais visibilidade e foram adicionadas legendadas e até dubladas em plataformas de *streaming* consideradas oficiais, como *Netflix* e *Disney+*.

Nos dramas sul-coreanos, boa parte das refeições feitas nas novelas ganham um *close-up* para gerar apetite nos espectadores, revelando, no processo, disparidades culturais quando cotejadas com o cenário culinário brasileiro e o uso da técnica do *food porn*. A técnica não é exclusiva dos seriados da Coreia do Sul, mas é interessante notar como a comida tem uma centralidade interessante nas narrativas das séries coreanas, sendo essencial para a manutenção de relações sociais e para a saúde mental dos personagens. Além disso, os rituais à mesa da cultura oriental provocam curiosidade e geram um contraste cultural que é essencial para os nossos objetivos.

Modo de preparo: caminhos metodológicos

Os dados aqui apresentados são um recorte de uma dissertação de Mestrado (Silva, 2025) que teve como objetivo analisar a linguagem intercultural presente nos doramas sul-coreanos, destacando valorações de aprendizagens e deslocamentos interculturais a partir de dialogizações com essas séries de televisão. A pesquisa de Silva foi realizada a partir da garimpagem, por meio de capturas e gravações de tela, de 128 frames de 51 séries sul-coreanas para analisar o gênero discursivo *K-drama*, bem como as réplicas que os fãs desse conteúdo, o(a)s dorameiro(a)s, vozeiam em suas dialogias com os programas de TV.

As cenas foram coletadas em novelas disponíveis no domínio público a partir de *fansubs*, organizações de fãs que se propõem a legendar e disponibilizar as séries de maneira voluntária. Os *fansubs* são espaços *online* que auxiliam os fãs a encontrarem as séries e interagir sobre elas a partir de comentários virtuais. Para adentrar nesse universo dorameiro, foi realizado um trabalho de etnografia digital em 7 *fansubs*, a fim de localizar os dramas que seriam utilizados na análise e as diferentes formas de interação com os fãs que esses canais proporcionam. A etnografia digital é entendida como uma ampliação dos métodos etnográficos para o meio virtual, examinando as produções de sentido que acontecem nos coletivos formados no ciberespaço (Polivanov, 2013).

O *corpus* foi organizado em 11 lugares-comuns chamados de tropos narrativos, isso é, recorrências nas narrativas de livros e programas de televisão que auxiliam no andamento das histórias e que são importantes para o funcionamento do *storytelling* de cada gênero discursivo, como a cena do primeiro beijo, o triângulo amoroso ou a passagem de inimigos para amantes. De acordo com Duarte (2018), os tropos são marcados por significações culturais que variam a depender das apropriações culturais de cada escritor e de cada país. Para Chang (2024), os tropos são uma parte essencial da fórmula dos dramas coreanos porque auxiliam os espectadores a preverem certos aspectos da narrativa.

Neste artigo, trabalhamos com o tropo narrativo da comida, buscando compreender como a culinária sul-coreana é enquadrada nas séries como um elemento central. Para tanto, como anunciado na Introdução, trabalhamos com 9 cenas que retratam pratos coreanos diversos presentes nas séries em pauta, buscando entender como a comida é glamourizada nos dramas, bem como a sua importância e simbologia para o andamento das narrativas orientais. Os frames foram coletados de 7 *K-dramas* diferentes e foram extratados de 3 *fansubs* disponíveis online: *Taled Fansub*, *Kingdom Fansub* e *Drama Fansubs*. Por estarem disponíveis em canais de domínio público, ratificamos que as cenas podem ser divulgadas livremente.

A análise verbivocovisual, apresentada na próxima seção, fez-se possível a partir dos chamados fotogramas ou frames, imagens estáticas e fixas que, quando colocadas em sequência, criam a ideia de movimento. No cinema, essas imagens são registradas pelas câmeras e precisam ser exibidas em uma determinada velocidade por segundo (*frame per second – fps*) para que os olhos criem a ilusão de movimento. De acordo com a estudiosa Silvia Hayashi (2019), essa velocidade pode ser comparada à pulsação do coração ou ao movimento do ponteiro de um relógio. Com o advento da eletricidade e de equipamentos modernos, os frames passaram a estar imbricados na temporalidade dos vídeos.

Por essa razão, cada frame presente neste trabalho traz a descrição temporal exata entre colchetes [00.00.00] com, respectivamente, as horas, minutos e segundos das novelas consultadas. Adita-se ainda que, para realçar a multisssemiose dos *K-dramas*, escolhemos disponibilizar um curto recorte em vídeo, via código QR, da nona cena analisada para realçar o aspecto sonoro desse gênero discursivo e, ainda, detalhar a centralidade da comida para as relações sociais presentes nos exemplares analisados.

É de bom tom acrescentar que a nossa pesquisa é de natureza qualitativa, uma vez que se preocupa com as interações que permeiam a atividade científica, encarando as relações cotidianas como laboratório (Flick, 2004). Outrossim, nosso olhar está acampado na Linguística Aplicada, já que busca compreender problemas relacionados à língua(gem) de forma mais ampla, aliando-se a outras áreas do conhecimento (como Antropologia, Geografia, Sociologia, Psicologia, Biologia, Cinematografia) para promover uma visão mais transdisciplinar das atividades humanas e considerar as relações linguageiras como prática social (Brumfit, 1997). Nesse diapasão, trazemos à tona nossa análise das comidas e costumes culinários mais comuns da Coreia do Sul no próximo tópico.

Degustação: análise das cenas de comida em *K-dramas*

Você comeu (밥 먹었어)? Em meio a rotinas apertadas e longas horas trabalhando ou estudando, é muito comum que as pessoas façam essa pergunta umas às outras nos dramas da Coreia do Sul para demonstrar cuidado e carinho, pois a maioria se esquece de comer adequadamente ao longo do

atarefamento do dia a dia. Por causa disso, é um costume pagar uma refeição para alguém em sinal de retribuição e de organizar refeições coletivas em casa, restaurantes ou até no escritório.

Nos dramas de TV, as comidas e seus rituais têm um papel central para as dialogias das narrativas. Para Chang (2024), os dramas têm tornado as comidas coreanas (as chamadas *K-food*) cada vez mais famosas pelo mundo e despertado curiosidade e admiração, sobretudo, nos fãs ocidentais. Por causa disso, diversas pessoas visitam a Coreia do Sul ou restaurantes asiáticos para experimentarem os pratos e se aproximarem, no processo, dos personagens de dramas a que assistem. É por essas e outras razões que Chang afirma que “comida é o coração dos valores da sociedade coreana” (Chang, 2024, p. 25).

Nesta seção, analisamos como a pornografia de comida opera nas cenas e como as comidas sul-coreanas são retratadas por meio da verbivocovisualidade dessas séries de TV, tendo como foco o papel das refeições para o andamento das narrativas e para propagandear a culinária oriental de modo internacional. Nesse objetivo, trazemos os frames selecionados na Figura 1.

Figura 1: Cenas de comida em *K-dramas*



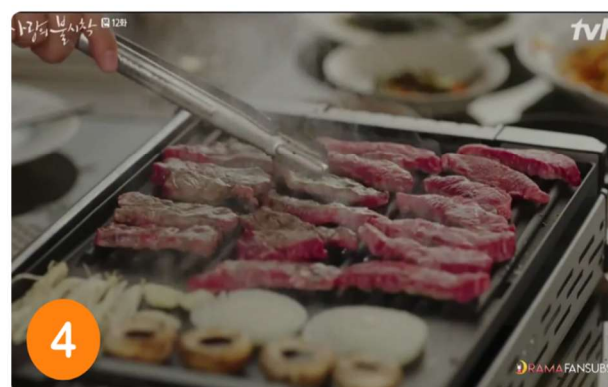
Fonte: A Business Proposal ep 05 [00.34.57]



Fonte: Goblin ep 01 [01.02.12]



Fonte: What's Wrong with Sec. Kim ep 06 [00.33.00]



Fonte: Crash Landing on You ep 12 [01.10.16]



Fonte: Crash Landing on you ep 11 [00.14.42]



Fonte: Hometown Cha-Cha-Cha ep 05 [00.03.54]



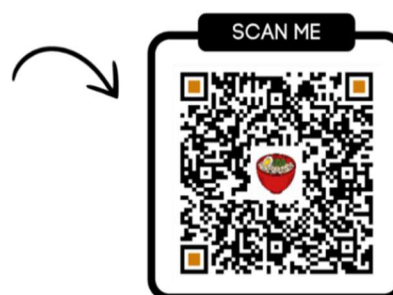
Fonte: True Beauty ep 01 [01.04.49]



Fonte: True Beauty ep 16 [00.26.59]



Fonte: King the Land ep 08 [00.14.20]



O primeiro aspecto que merece destaque é a organização das refeições, visível nos Frames 1 e 2. Enquanto no Brasil nós montamos um único prato com todos os acompanhamentos, é comum na Coreia do Sul ter como prato central uma tigela de arroz ou sopa e outras tigelas menores com os acompanhamentos (*banchan*), os quais são colocados no centro da mesa e divididos entre todas as pessoas. Ademais, os coreanos comem arroz ou sopa em todas as refeições e não somente no almoço ou jantar, como no Brasil. Outra diferença importante são os talheres utilizados no país. Na Coreia do Sul, usam-se os palitinhos de metal, *Cheot-garak* (젓가락), juntamente com uma colher longa de metal, *sutgarak* (숟가락), como utensílios de cozinha⁷. Ao longo das refeições, as pessoas devem alternar o uso dos

⁷ São costumes próprios da Coreia do Sul, pois países como China e Japão optam pelos palitinhos de madeira e não utilizam

palitinhos e da colher com a mão direita, usando o primeiro para pegar os acompanhamentos ou macarrão e o último para comer arroz e/ou tomar sopa.

Assim, desde aí, vemos que, por via do mecanismo dos signos ideológicos (Volóchinov, 2018; Bakhtin, 2016), a verbivocovisualidade do enunciado busca, pela curiosidade, seduzir o leitor. O modo como a comida é arranjada no prato, bem diferente da cultura ocidental, assim como os utensílios para realizar a refeição despertam estranheza no(a) brasileiro(a) a que assiste as cenas em exame. No entanto, esse estranhamento é reelaborado pela conotação construída: uma situação de comunhão, de confraternização. Tal realidade confere ao expectador entusiasmo por vivenciar esse mesmo prazer.

No Frame 1, observamos colegas de trabalho dividirem uma refeição juntos após o fim do expediente. Isso evidencia o papel social das comidas nas novelas, uma vez que o hábito de comer juntos fortalece os laços entre os companheiros e alivia o estresse depois de uma extensa jornada de trabalho. Por essa razão, é quase uma exigência comparecer aos jantares de equipe organizados pelos chefes e é comum que personagens saiam juntas para comer correntemente nas novelas. No seu turno, o Frame 2 mostra uma mesa de café da manhã em que a família se reúne para comer, compartilhando acompanhamentos e vivências à mesa.

No caso do churrasco coreano, mostrado nos Frames 3 e 4, observamos que é um costume ter um fogão a gás pequeno nas mesas, a fim de que as pessoas possam por si próprias grelhar a carne ou cozinhar/esquentar a comida. Para auxiliar na tarefa, os estabelecimentos entregam tesouras para que os clientes possam cortar a carne em pedaços menores antes de colocar nas grelhas (Frame 3). Esses costumes são bem estranhos para os brasileiros ao assistir às novelas, uma vez que os churrasqueiros são aqueles que costumam grelhar as carnes nos churrascos, e as tesouras não são usadas para essa função aqui.

A culinária sul-coreana é bem numerosa, mas alguns pratos se destacam mais do que outros nas séries de TV. Um deles é o frango frito coreano (Frame 5), o qual possui crocância extra porque costuma ser grelhado duas vezes. Geralmente, o prato é quase sempre acompanhado por cerveja, tornando-se comum o termo *chimaek* na Coreia ao fundir os nomes *chicken* (frango) e *maekju* (cerveja). No frame em destaque, a personagem Yoon Se-ri de *Crash Landing on You* se delicia em sua casa com o frango frito, aproveitando para expor a comida ao dar uma mordida demorada no alimento, algo típico da pornografia gastronômica (Junqueira, 2019). O enunciado ao qual o frame remete evidencia bem a tridimensionalidade pela qual essa pornografia se concretiza: evoca a visão ao evidenciar a aparência do frango e o prazer expresso pela face da personagem; a audição é substanciada, por sua vez, a partir do som da crocância do empanado do alimento (Paula e Luciano, 2020). É digno de nota que a rede de frango frito *BBQ Olive Chicken*, uma das maiores franquias de frango frito da Coreia, aproveitou a

a colher para comer arroz. No entanto, os palitinhos de metal são mais comuns em restaurantes e residências, uma vez que são lavados e reutilizados. Se se tratar de uma comida para viagem, normalmente as pessoas usarão palitinhos de madeira, pois são descartáveis.

oportunidade para promover o prato no drama em foco, tendo em vista a parceria da marca com a novela, o que dimensiona que essa fetichização gastronômica também tem o papel de publicizar produtos de marcas coreanas ao redor do mundo.

A seguir, no frame 6, temos o *Kimchi* (김치), acompanhamento sul-coreano que sempre se mostra presente nas refeições. O prato é feito a partir da fermentação da acelga, a qual é cortada e temperada com uma pasta de alho, gengibre, pimenta em pó e cebolinha, justificando o sabor apimentado e ácido. A fermentação de vegetais era feita como uma tradição dos antigos para a conservação dos alimentos durante o inverno, e a produção de *Kimchi* é uma tradição entre as famílias sul-coreanas (BBC, 2023)⁸. Para a BBC News (2023), o mercado internacional do *Kimchi* cresceu exponencialmente nos últimos anos e o processo de fermentação deu ao prato uma qualidade nutricional única, levando-o a ser reconhecido pela UNESCO em 2013 como parte do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade⁹. No frame destacado, o personagem Hong Du-sik de *Hometown Cha-Cha-Cha* estava preparando uma sopa de *kimchi*, focalizando o alimento na tela enquanto o cortava.

Com a globalização da cultura coreana, alavancada pelo sucesso dos *K-dramas* e do *K-pop*, o *Kimchi* é uma das comidas coreanas que mais se popularizaram, mostrando-se presentes em diversos restaurantes e conveniências pelo mundo todo. No Brasil, a cidade de São Paulo possui muitos restaurantes sul-coreanos por causa da influência dos imigrantes vindos da Coreia do Sul, tendo até mesmo uma conveniência sul-coreana (CU) na cidade. Esse sucesso é fruto do processo de divulgação das comidas nos programas de TV, os quais incitam as pessoas a desejarem experimentar as mesmas comidas que os seus *idols* favoritos comem.

No Frame 7, temos mais um prato famoso: o *tteokbokki* (떡볶이). Essa comida feita com bolinhos de arroz (*tteok*) cilíndricos cozidos em um molho bem picante é uma das mais famosas e amadas pelos sul-coreanos, estando presente em muitos *K-dramas*. O *tteokbokki* é muito vendido nas barracas de comida de rua na Coreia e é um dos principais acompanhamentos para consumo de álcool. Sua natureza revela, assim como o *Kimchi*, um traço importante da cultura coreana, pois os sul-coreanos possuem uma tradição de consumo de pimenta, desenvolvendo um paladar que suporta a ingestão de alimentos muito picantes. A pasta fermentada de pimenta coreana (*Gochujang*) é parte de muitas receitas no país e tem propriedades milenares que trazem benefícios para a saúde. Segundo um estudo sobre esse tempero:

O *Gochujang* da Coreia é um alimento étnico feito com ingredientes alimentares representativos e tem uma história de milhares de anos. O *Gochujang* era principalmente usado para realçar o sabor dos alimentos e para auxiliar o sistema digestivo. [...] Documentos antigos mostram que o *Gochujang* não era apenas usado como fonte de

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/12/26/kimchi-o-prato-coreano-que-conquistou-o-mundo-e-virou-um-negocio-bilionario.ghtml?form=MG0AV3>. Acesso em: 25 de janeiro de 2025.

⁹ Disponível em: <https://editverse.com/pt/microbiologia-e-par%C3%A2metros-de-processo-de-fermenta%C3%A7%C3%A3o-de-kimchi/?form=MG0AV3>. Acesso em: 25 de janeiro de 2025.

tempero, mas também tinha funcionalidades nutricionais. Devido ao desenvolvimento da tecnologia, as capacidades anti-diabetes e anti-obesidade que também foram registradas estão sendo comprovadas uma a uma (Know *et al.*, 2015, p. 35, tradução nossa¹⁰).

Nesse particular, entendemos que o consumo de pimenta advém de uma tradição da culinária sul-coreana, reforçada por causa dos climas frios e utilizada como auxiliadora do sistema digestivo. Ao ver nos *K-dramas* o uso desses ingredientes, os fãs querem aprender a usá-los e fazer parte dessa cultura que, antes, era quase inacessível por ser geograficamente distante. Segundo Chang (2024), muitas pessoas perguntam a ela como o *Kimchi* é fermentado e quais ingredientes são necessários para preparar o *Gochujang*, na tentativa de trazer uma porção da Coreia que veem nos dramas para casa. Isso é reforçado na Cena 7 apresentada acima, pois a personagem Lim Joo Kyung se reúne com suas amigas para comer o prato, mas o aprecia com moderação, pois ele estava muito picante.

No Frame 8, temos o *Kimbap* (김밥), prato coreano que se assemelha ao sushi japonês, mas que se diferencia dele por não ter peixe cru, pois os rolinhos comportam recheios variados, como carne, omelete, queijo etc. Além disso, o *kimbap* tem outro método de preparo do arroz que usa óleo de gergelim. Essa comida é muito famosa na Coreia por ser fácil de carregar para o trabalho ou escola e por ser saborosa e nutritiva. Seu nome faz referência aos principais ingredientes: alga (*kim*) e arroz (*bap*). Seu formato clássico é em rodélas, mas também é vendido nas conveniências em formato triangular. Na cena em questão, a personagem Lim Joo Kyung de *True Beauty* precisa entregar rapidamente essa comida para sua chefe, pois o prato é algo prático para comer em viagens e em horários curtos de almoço. Além disso, a fama do *Kimbap* cresceu mundo afora depois de eles serem a comida favorita da personagem Woo Young-woo do drama *Extraordinary Attorney Woo* que, por ser autista e apreciar rotinas, gostava de comer os rolinhos todos os dias.

Por fim, no Frame 9, colocamos em relevo o prato mais consumido na Coreia do Sul: o lámén ou *ramyeon* (라면). Na maioria das novelas coreanas, os personagens aparecem preparando e/ou comendo o que no Brasil se conhece por miojo, mas as técnicas de preparo variam um pouco na Coreia do Sul, sendo comum a adição de fatias de queijo e/ou ovos na panela na hora do cozimento. No QR Code ao lado do Frame 9, assistimos à cena completa extratada do drama *King The Land*, focalizando o espaço da conveniência, principal local para comprar láméns. Como é possível notar no vídeo, existem diversas marcas de miojo coreano e, segundo o professor Kevin Lee¹¹, estima-se a existência de mais de 400 tipos diferentes no país.

¹⁰ “Korea's Gochujang is an ethnic food made with representative food ingredients and has a history of thousands of years. Gochujang was mainly used for making enhancing the taste of food and for aiding the digestive system. [...] Age-old documents show that Gochujang was not only used as a source of seasoning but it also had nutritional functionalities as well. Due to the development of technology, the anti-diabetes and obesity capacities that have been recorded are also being proved one by one” (Know *et al.*, 2015, p. 35).

¹¹ Disponível em: <https://youtu.be/Judrmpry1Jk?si=jDHt7dgetii-mSum>. Acesso em: 27 de janeiro de 2025.

De acordo com o professor, o l amen chegou   Coreia do Sul na década de 1960 por causa de uma iniciativa do governo que visava a diminuir o consumo de arroz, pois não existia muito espaço no país para comportar planta es e o grão era muito caro para ser plantado em grandes quantidades na época. Seguindo esse raciocínio, buscou-se substituir o arroz por um alimento feito   base de trigo e que fosse mais barato, introduzindo, assim, o primeiro l amen coreano, inventado pela empresa Samyang. O *ramyon* se popularizou tanto que, na década de 1980, ele substituiu 266.141 toneladas (144 quilos) de arroz. O l amen mais famoso na Coreia do Sul   o *Shin Ramyeon* que tem um pacote vermelho e   muito apimentado.

No trecho disponível via código QR, os dois protagonistas v o até uma conveniência para comprar e preparar l amen, buscando entre as op es o melhor deles para a ocasião. Ao escolher a melhor op o para os dois, eles vão até as máquinas disponíveis na conveniência para que os clientes preparem seu miojo, adicionando um ovo na mistura para realçar o sabor. Uma vez que a comida fica pronta, os dois protagonistas se sentam em uma mesa próxima ao rio Han para saborear a comida, consumindo-a com palitinhos descartáveis (de madeira). Dois pontos principais merecem ser sublinhados na cena em pauta. Primeiramente, chamamos a aten o para o modo como os coreanos comem o l amen, sugando-o ainda quente e inteiro. Esse aspecto tem um potencial cultural forte, pois, na Coreia do Sul, não   falta de educa o encher a boca demais e nem mesmo falar de boca cheia, como no Brasil. Além disso,   de bom tom fazer muito barulho ao sugar o macarrão, pois isso significa que está saboroso.

Outro detalhe interessante   como o *food porn* (Junqueira, 2019) atua nos dramas coreanos não apenas mostrando a comida em si e, geralmente, a marca dos produtos, mas também pela forma como os protagonistas expressam que a comida   muito saborosa, despertando um desejo maior nos telespectadores. Isso se mostra pelas expressões faciais que os personagens fazem na cena durante a refei o (Figura 2), invocando a dimensão visual do enunciado (Paula e Luciano, 2020), a fim de indicar que tanto o l amen quando o bolinho de arroz são muito gostosos e merecem ser experimentados. Além disso, a dimensão sonora   salientada no som dos lábios sugando a massa repleta de molho, o que desperta no expectador o desejo de vivenciar a mesma sensa o simbólica.

Figura 2: Expressões faciais do personagem Goo Won ao comer



Fonte: *King the Land* ep 08 [00.14.40] e [00.15.51]

Além do mais, Chang (2024) reflete sobre o fenômeno da *K-food* durante a organização de viagens para a Coreia do Sul, afirmando que as pessoas se mostram ávidas para experimentar as comidas que veem recorrentemente nos dramas. Para ela, isso representa uma vitória, pois sua infância foi marcada por comentários preconceituosos em relação à sua herança coreana e seus traços asiáticos eram motivo de riso e estranhamento. No entanto, após a intensificação da Onda Coreana, a curiosidade em relação à Coreia se espalhou pelo mundo e uma ressignificação dos aspectos culturais do oriente se mostrou possível, tendo a comida um papel central nisso.

Quanto à verbivocovisualidade do enunciado (Paula e Luciano, 2020), observamos, sobretudo no trecho disponível em QR Code, as três dimensões dos enunciados (visual-verbal-sonora) no gênero discursivo em pauta. O aspecto verbal se mostra na fala dos personagens, compreensíveis pela tradução disponível via legendas em português, realçando como dividir refeições abre espaço para dialogizar e confraternizar com os outros, questão cultural que reforça o papel confraternizador dos momentos de alimentação. O aspecto visual, por sua vez, torna-se evidente na coloração, textura e organização das comidas empratadas, despertando, via imaginação, principalmente, os sentidos gustativo, olfativo e visual dos espectadores, gerando desejo e curiosidade. As expressões faciais (mostradas na Figura 2) são outro indício marcante desse aspecto para sinalizar as sensações ao comer, variando a depender da natureza do prato (prazer com algo doce/salgado ou ardência com alimentos picantes). Quanto ao aspecto sonoro, destacamos o som da mastigação de alimentos crocantes ou da sugação realizada pelos lábios, um elemento importante para a linguagem do consumo de refeições asiáticas, ratificando, de forma proposital, a qualidade do preparo e o prazer proporcionado pelo ato de comê-lo.

Rendimento: encerrando o enunciado culinário

Diante do exposto, constatamos que os *K-dramas* geram curiosidade nos telespectadores e que eles se popularizaram por, sobretudo, oferecer janelas para o outro lado do mundo a partir de temáticas potentes e universais. Nesse diálogo intercultural com as séries, redimensionamos nossos (pre)conceitos sobre o oriente e nos apropriamos desse conhecimento para, à moda brasileira, enunciar práticas linguageiras cada vez mais plurais, criativas e culturalmente sensíveis.

Levando em consideração a culinária presente nas séries, pratos suculentos e coloridos são mostrados correntemente, chamando atenção para o conceito de *food porn* ao despertar desejo nos consumidores e criar uma boa imagem dos pratos. Além disso, o ritual oriental de comer chama atenção ao trazer acompanhamentos à mesa e o uso de palitinhos. Outrossim, o papel da comida de promover encontros entre os protagonistas é imprescindível para o andamento da narrativa, pois as refeições aproximam as pessoas, sejam elas amigas, colegas de trabalho, familiares ou amantes.

A verbivocovisualidade presente nos enunciados se mostrou em diferentes aspectos dos frames em escrutínio, popularizando, por meio de diálogos, texturas, cores e sons, a comida asiática. Isso

comprova que os dramas coreanos pulverizam aspectos culturais essenciais e são um dos recursos de *marketing* principais da Onda Coreana. Nesse prisma, os dramas contribuem para a construção de enunciados cada vez mais pluriculturais e reforçam o papel das comidas para as relações cotidianas e para o fortalecimento da construção identitária.

Nesse panorama, o desejo pelo consumo de comidas coreanas tem aumentado em todo o mundo por causa dos *K-dramas* devido principalmente aos seguintes fatores: a) o modo apetitoso como as comidas são enquadradas nos dramas de TV (*food porn*); b) as expressões e divulgações de marcas famosas feitas pelos personagens ao longo da trama, orquestrando o que no Brasil se conhece ultimamente por *pausa para publi*; e c) o desejo dos fãs de fazer parte da cultura coreana, bem como de conhecer melhor o que veem nas telas. Como destacou Chang (2024), a comida é parte do coração das raízes culturais sul-coreanas e ver essa gastronomia ganhando repercussão mundial atualmente é algo muito significativo.

As análises dos frames permitiram uma ilustração do conceito de práticas de alimentação (Yoder, 1972) que complexifica a ideia de comida, abarcando não apenas a referenciação de preparos e técnicas de conservação (dimensões importantes descritas em estudos clássicos sobre a comida como o de Levi-Strauss (1966)), mas também acessando dimensões menos palpáveis como “atitudes relativas à alimentação, tabus, hábitos e sistemas de refeições abarcando a esfera social e psicológica do fenômeno” (Amon, 2014, p. 71).

Conforme demonstramos em nossas análises, “a cultura extrapola o material e o físico: torna-se símbolo, torna-se significado [...] ela dá sentido às vivências e experiências humanas” (Guareschi, 2014, p. 12). Tais elementos puderam ser mobilizados por meio do exercício analítico dos frames, tomados como enunciado concreto (Bakhtin, 2011), cuja interpretação resultou, sendo ao mesmo tempo resultado, de uma valoração realizada a partir do nosso centro de valor como brasileiros. Ou seja, nossas valorações acerca das práticas de alimentação que perfazem as narrativas dos doramas não podem ser desvinculadas dessa posição social. Daí decorrem apontamentos interculturais caros a sentidos de identidade, comunidade, humanidade, essenciais para como nos subjetivamos.

Toda compreensão, como vimos, é de natureza ativamente responsiva e promovida por uma dimensão verbivocovisual, dado que a convergência das dimensões sonora, verbal e visual gestam as possibilidades de valoração e semiotização da realidade. Desse modo, compreender implica uma tomada de posição de valor, aqui exemplificada pela experiência estética, via *foodporn*, da experiência sensorial e emocional disparadas pela força sgnica das narrativas visuais dos/nos *K-dramas*.

Como, segundo Volóchinov (2018) e Bakhtin (2016), todo enunciado possui valoração e orientação ideológica, esse processo de sedução ocorre com propósitos claros: i) divulgar a cultura coreana pelo mundo, realizando um movimento de publicização da gastronomia desse país, o que confere exportação dos alimentos, bem como especulação turística e ii) publicizar marcas de comida, promovendo divulgação e, assim, angariando consumidores. Como se vê, à luz de Volóchinov (2013), a linguagem nasce a partir da divisão social em classes e, portanto, da própria desigualdade inerente ao

capitalismo. Se tomamos essa compreensão como princípio, somos levados a entender que a tridimensionalidade enunciativa da pornografia gastronômica concretizada em doramas coreanos acontece também com fins essencialmente mercadológicos e, conseqüentemente, financeiros, mas não se pode perder de vista, conforme mostramos na análise apresentada, o rico intercruzamento cultural que esse diálogo culinário tem possibilitado.

Reforçamos, finalmente, com este texto, a profícua dialogia que o conceito de pornografia de comida, como um dado que se materializa multissemiticamente, estabelece com os princípios teórico-metodológicos da verbivocovisualidade bakhtiniana (Paula e Luciano, 2020). Assim, a análise encampada evidencia que, já que o enunciado concreto produz sentido a partir de sua tridimensionalidade verbivocovisual, no contexto da Onda Coreana, ao dar protagonismo às refeições, os processos de semiotização apelam para a fetichização gastronômica, virtualizando, na e pela linguagem, a experiência do espectador, que se torna *lôcus* do desejo despertado por esses signos.

REFERÊNCIAS

AMON, Denise. **Psicologia social da comida**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

ANDRADE, Francisco Rogiellyson da Silva; RIBEIRO, Pollyanne Bicalho; MODL, Fernanda de Castro. Aspectos axiológicos sobre racismo revelados em charges produzidas por alunos de uma turma de Educação de Jovens e Adultos. **Diálogo das Letras**, Rio Grande do Norte, n. 12, 2023, p. 1-20. DOI: 10.22297/2316-17952023v12e02317. Acesso em: 29 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/4733>.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética – A Teoria do Romance**. 5ª edição. São Paulo: Hucitec, 2002 [1975].

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. Notas da edição russa Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BBC NEWS. Kimchi: o prato coreano que conquistou o mundo e virou um negócio bilionário. Traduzido por G1 Mundo. **G1**, São Paulo, 26 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/12/26/kimchi-o-prato-coreano-que-conquistou-o-mundo-e-virou-um-negocio-bilionario.ghtml?form=MG0AV3>. Acesso em: 25 de janeiro de 2025.

BRUMFIT, C. How applied linguistics is the same as any other science. **International Journal of Applied Linguistics**, v. 7, n. 1, 1997, p. 86-94. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1473-4192.1997.tb00107.x>. Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

CAMPOS, Thalita Bianchini; TEODORO, Mariana Carrion; GOBBI, Maria Cristina. Doramas: Cenários da Cultura Asiática. **Iniciação Científica CESUMAR**, v. 17, n. 2, jul./dez. 2015, p. 173-181.

Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/4271>. Acesso em: 13 de junho de 2023.

CHANG, Jeanie Y. **How K-dramas can transform your life: Powerful Lessons of Belongingness, Healing, and Mental Health**. New Jersey: Wiley, 2024.

CHANG, Jeanie. **Why food heals in K-dramas**. Instagram (@noonasnoonchi), 24 de setembro de 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DPAPd0oDrwn/?igsh=MWYzMXVqYTNxczl3aA%3D%3D>. Acesso em: 30 de setembro de 2025.

COCKBURN, Alexander. Gastro-porn. **New York Review of Books**, New York, v. 24, n. 20, p. 15-19, Dec. 1997. Disponível em: <https://www.nybooks.com/articles/1977/12/08/gastro-porn/>. Acesso em: 30 de setembro de 2025.

EDITVERSE. **Microbiologia e parâmetros de processo de fermentação do Kimchi**. 2024. Disponível em: <https://editverse.com/pt/microbiologia-e-par%C3%A2metros-de-processo-de-fermenta%C3%A7%C3%A3o-de-kimchi/?form=MG0AV3>. Acesso em: 25 de janeiro de 2025.

FONSECA, Pollyana Fernandes da. **A Representação da Cultura Sul-Coreana para o Mundo Por Meio dos Doramas**. 2019. 75f. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dione Oliveira Moura. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado). Curso de Jornalismo, Faculdade de Comunicação na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2019. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/26503/1/2019_PollyanaFernadesDaFonseca_tcc.pdf

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2^a ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 13-41.

GUARESCHI, Pedrinho. A. Apresentação. In: AMON, Denise. **Psicologia social da comida**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014, p. 11-13.

JUNQUEIRA, Antonio Hélio. Food Porn: imagens, sentidos sociais e virtualização do prazer de comer. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.15, n.26, p.171-197, jan.-jun. 2019. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/download/37710/pdf/202056>. Acesso em: 20 de setembro de 2025.

KNOW, Dae Young; CHUNG, Kyung Rhan; YANG, Hye-Jeong Yang; JANG, Dai-Ja. Gochujang (Korean red pepper paste): A Korean ethnic sauce, its role and history. **Journal of Ethnic Foods**, v. 2, n. 1, p. 29-35, mar. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jef.2015.02.006>. Acesso em: 30 de janeiro de 2024.

LEE, Kevin. Fale Coreano com Kevin Lee. **YouTube**, @falecoreano. Disponível em: <https://www.youtube.com/@falecoreano>. Acesso em: 15 abr. 2025.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **The Culinary Triangle**. New Society, 22, 1966, p. 937-940.

MODL, Fernanda de Castro; PEREIRA, Maria do Alívio Pessoa Caires; MARQUES, Cristiane Campos; CAIRES, Anderson de Jesus; PEREIRA, Marina Santos Soares. Vozes que Constrangem: Mal-Estar (Res)entidos em Interações Didáticas em uma Cultura Escolar do Interior da Bahia. **APRENDER** – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista, n. 30, ano XVII,

p. 101-118, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender>. Acesso em: 30 de janeiro de 2024.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. Dialogismo Verbivocovisual: Uma Proposta Bakhtiniana. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v.27, n.49, p. 15-46, out.-dez. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366>. Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos do Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Manaus, 2013, p. 1-15. Disponível em: <https://acervo-digital.espm.br/Artigos/ART/2017/373937.pdf>. Acesso em: 25 de outubro de 2024.

ROJO, Roxane. **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Editora Parábola, 2013.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SILVA, Mateus Freire Santana. **Aprendizagens e deslocamentos interculturais e(m) dialogias com doramas coreanos**: uma análise axiológica. 2025. 273f. Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Fernanda de Castro Modl. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste Bahia (UESB), Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), Vitória da Conquista, 2025. Disponível em: https://www2.uesb.br/ppg/ppgcel/wp-content/uploads/2025/09/Dissertacao-dorameira-versao-final-Mateus-Freire-e-Fernanda-Modl_compressed-1.pdf. Acesso em: 10 de setembro de 2025.

TRAFTON, Anne. These neurons have food on the brain: MIT scientists have discovered a population of neurons that light up whenever we see images of food. **MIT News**, 25 August 2022. Disponível em: <https://news.mit.edu/2022/food-neurons-visual-cortex-0825>. Acesso em: 20 de janeiro de 2025.

VOLÓCHINOV, Valentin N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo & filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Katerina Vólkova Américo. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2018.

YODER, Don. Folk Cookery. In: DORSON, Richard M. (Ed). **Folklore and Folklife**: An Introduction. Chicago: The University of Chicago Press, 1972, p. 325–350.

*Recebido em: 25 de outubro de 2025.
Aprovado em: 08 de novembro de 2025.*